

POLÍCIA

Um advogado fez graves acusações a um delegado de polícia e a vários investigadores: eles estariam recebendo dinheiro de infelizes mulheres. Esse advogado apresentou a um jornal notas escritas pela mão da exploradora de um conventillo em que aparecem as contribuições para a polícia.

Diante de uma acusação tão grave que fez o delegado? Invadiu, acompanhado de "tiras", o escritório do advogado, fez all um "quebra-quebra", ameaçou de revólver na mão o homem, espancou-o, obrigou-o a ajoelhar-se e assinar um documento se desdizendo e ainda por cima dizendo que ele, delegado, é "um espírito clarividente a quem rendo minhas homenagens." E depois deu entrevista aos jornais dizendo que fóra ao escritório com intenção de matar o advogado.

Se esse delegado, Abelardo Luz é realmente um "espírito clarividente" ele já deve ter percebido que seu ato furioso pode ter muitos efeitos, menos um: o de convencer a quem quer que seja de que os documentos apresentados pelo advogado eram falsos. Não conhecendo nem o advogado nem o delegado, qualquer um de nós pode se dar ao luxo de acreditar ou não nas acusações. Quem conhece as misérias da vida carioca não cairá de nuvem nenhuma ao saber que um determinado elemento da polícia recebeu dinheiro de um pun-guista, de um bicheiro ou de uma dona de pensão. É certo que devemos acreditar, que, em sua maioria, os milhares de funcionários da Polícia sejam homens honestos. Mas all, como em qualquer corporação, há os aproveitadores; e all a coisa é mais grave, pois quem se associa ao crime é a pessoa encarregada de preveni-lo.

Se a triste experiência das coisas nos permite acreditar, em principio, na autenticidade dos documentos apresentados pelo advogado, o gesto de violência do delegado só pode nos fortalecer nessa crença. O fato da dona de pensão aparecer agora acusando também o advogado, e dos investigadores apontados dizer que vão processá-lo apenas agrava a nossa suspeita de que tudo seja verdade. É claro que não podemos jurar sobre a palavra de um homem que não conhecemos, e sempre devemos deixar, em nosso espírito, um lugar para dúvida. Mas estou certo de que, no espírito do leitor como no meu, a fúria do delegado apenas depõe contra ele.

O general Ciro de Rezende terá muitas virtudes privadas; mas como Chefe de Polícia tem se mostrado, antes de tudo, incapaz de impor respeito à própria Polícia. E este é o dever número um do Chefe; foi agindo assim que puderam se impor ao respeito público homens como Etchegoyen e Nelson de Melo. Chefes desse tipo acabam fazendo com que o povo tenha confiança não apenas nêles mesmos, como em toda a Polícia.

Depois daquelas deploráveis declarações sobre a destituição do comissário Padilha (que foi feita por ordem do Catete, contra a sua vontade) o general Chefe de Polícia pode ter a certeza de que fatos como o de agora se repetirão. Ontem era o diretor do Instituto Félix Pacheco que prendia em flagrante "por desacato à autoridade" um advogado que se negou a sentar em uma determinada sala. Hoje é um delegado que, no lugar de se defender de um crime de que é acusado, pratica outro.

A esta hora o general Ciro Rezende deve estar defendendo a sua ingênua tese predileta — de que a culpa é ... da imprensa.

R. B.

28.9.52